



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

A INFLUÊNCIA DA IGREJA CATÓLICA NA CONSTRUÇÃO DA POLÍTICA DE CINEMA DO SESC NO BRASIL

Marcelo Costa Lopes*

RESUMO

O presente artigo analisa a influência dos processos de formação humanística da Igreja Católica no que diz respeito ao cinema e de como suas ações integram as memórias dos processos que estruturaram a política de cinema do SESC no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema. Memória Social. SESC.

INTRODUÇÃO

A POLÍTICA DE CINEMA DO SESC NO BRASIL

Para falar sobre aspectos constitutivos da memória da política de cinema do SESC no Brasil, em que algumas das práticas da Igreja Católica surgem como referências, é preciso recortar brevemente a história da entidade.

O Serviço Social do Comércio é uma instituição privada mantida pelos empresários do comércio de bens, serviços e turismo em todo o Brasil, voltada para o bem-estar social dos comerciários e seus dependentes. Enquadrado como uma entidade paraestatal, o SESC articula na sua base constitutiva estruturas que garantem uma vasta cadeia de mobilização para o atendimento de seus



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

beneficiários ao longo do território brasileiro em 381 Unidades e Centros distribuídos pelos 26 estados brasileiros, mais o Distrito Federal. (SESC, 2014).

Objetivamente, a história da instituição pode ser circunscrita a três momentos distintos: 1) de 1946, ano de sua criação, até final dos anos 1960, quando sua atuação foi marcadamente assistencial, voltada os objetivos primordiais do Serviço Social, com atividades de saúde, educação, recreação, alimentação, higiene e habitação; 2) do fim deste período até o início dos anos 1980, com abordagens que circundavam o tema do lazer e das possibilidades dos usos de ações educativas mais amplas em atividades de tempo livre; e 3) contada a partir da década de 1980 e oportunizada por um cenário sociopolítico bastante específico no Brasil, quando o país estava às voltas com o processo de redemocratização política. Esta fase é pontuada pela ênfase do SESC no seu Programa de Cultura, tornando-o uma expressiva referência do setor em todo o país. Neste último momento, é quando se assentam consistentemente todas as estruturas da sua política de formação cinematográfica.

Tal política, hoje uma das mais sólidas do setor, está presente de modo significativo nas dinâmicas dos circuitos alternativos de exibição brasileiros: a instituição se tornou ao longo dos anos uma das organizações que mais investem na difusão do chamado *cinema de arte*, contribuindo tanto como exibidor quanto educador/formador de plateias, promovendo mostras, festivais, oficinas, publicações, eventos, entre outras realizações na área. Por sua capilaridade geográfica e articulação, o SESC alcançou números e experiências consideráveis na formação de públicos para filmes não-comerciais, direcionados a um público tão diverso quanto extenso.

O projeto dessa política cinematográfica não surge apenas como o cumprimento de uma demanda objetiva de atendimento a uma área segmentada de atividades, mas atende àquilo que o sociólogo Norbert Elias caracteriza como sendo resultado de processos que consistem em ações de pessoas isoladas, e que,



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

apesar disso, “dão origem a instituições e formações que nem foram pretendidas nem planejadas por qualquer indivíduo singular na forma que concretamente assumem” (ELIAS, 2011, p.17). Isso pôde ser observado nos resultados da minha dissertação de mestrado *Memória social e políticas culturais nas ações de cinema do SESC* ⁺⁺⁺⁺⁺, ao analisar os percursos de memória que possibilitaram a estruturação dessa política de formação cinematográfica no Brasil e verificar o quanto estas construções pessoais estão intimamente vinculadas à reflexão, à ação efetiva de determinados grupos e, sobretudo, às trajetórias de algumas personalidades dentro do corpo diretivo da instituição. Cada uma dessas pessoas contribuiu individual e/ou coletivamente, com seus repertórios e práticas, para as dinâmicas de aprendizagem no interior da entidade. Por isso, foi fundamental abordar as práticas socialmente constituídas pelo SESC a partir dos percursos dessas aprendizagens, mobilizadoras de conhecimentos mediados simbolicamente, veiculando padrões de comportamento para um consumo cinematográfico distinto, a partir das trajetórias de formação de alguns desses indivíduos.

Dentre alguns dos processos destacados de formação que redundariam em referências para o SESC com relação às práticas de cinema, a influência da Igreja Católica foi uma das primeiras hipóteses. A presença da Igreja mostrou-se como referência no desenvolvimento de atividades de educação cultural e cinematográfica para significativos contingentes de diversas comunidades ao longo de décadas, além de, por outra ponta, atuar marcadamente na formação artístico-humanística de muitos intelectuais, artistas, jornalistas e demais formadores de opinião importantes, trazendo elementos para outros percursos de memórias sociais, acumulados e repassados em saberes e fazeres específicos, num rico ambiente de fruição sociocultural para o qual o SESC pôde também se referenciar.

⁺⁺⁺⁺⁺ Este estudo, concluído em 2015, é resultado do mestrado do Programa de Memória, Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

CINEMA E EDUCAÇÃO NAS PRÁTICAS DA IGREJA

Na sua relação com o cinema, a Igreja Católica dispunha de práticas bastante próximas às ações dos cineclubes, em formato e organização, embora não se restringisse a uma seleção de filmes e de públicos tão segmentados. Ela dialogava com outra formação audiovisual, associada, em grande medida, às suas práticas sócio-assistenciais. Organizadas em torno da sua grande penetração nas camadas populares, essas atividades constituíram um importante fator de disseminação de modelos cineclubistas, orientados para os moldes e condições particulares da doutrina cristã. Sua ação foi responsável pela mobilização de um enorme investimento tanto na constituição de uma política interna específica para o trato com a sétima arte – inclusive com a publicação de uma encíclica papal***** com orientações sobre o tema – quanto na associação destas atividades a processos multimodais de educação (SANTOS, 2009, p. 62).

Especialmente a partir do período Vargas, as dinâmicas político-institucionais que permitiram a implantação de um cinema de viés educativo no Brasil, na qual a Igreja tinha um papel articulador fundamental, como sublinha Milene Gusmão (2008), serviam à percepção de que este meio de comunicação, mais que um entretenimento de massas, portava um alto potencial pedagógico como suporte de divulgação e propagação de uma determinada visão de nação brasileira. Segundo a autora, o Estado e a Igreja Católica “projetavam a reforma da sociedade pela via da reforma do ensino para a valorização dos instrumentos de difusão cultural”, e, nesse sentido, mantinham um olhar bastante reconhecedor deste cinema como ferramenta educativa de importância estratégica, formadora de

***** A encíclica, a primeira sobre o cinema, foi promulgada pelo Papa Pio XI, em 1936, intitulada *Vigilanti Cura*, dirigida “primeiramente a toda a hierarquia eclesiástica dos Estados Unidos e depois aos bispos de todo o mundo, para externar o parecer do pontificado sobre assunto ‘relacionado tão de perto com a vida moral e religiosa de todo o povo cristão’”.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

opiniões e de identidades ao largo do caro discurso do estado nacional (GUSMÃO, 2008, p. 163).

A linha doutrinal da Igreja fluía para uma atuação voltada preponderantemente para filmes comerciais populares, efetivamente mais bem aceitos por aquilo que se encaixavam a condutas morais “aceitáveis”.

Ao privilegiar a *organização de massa*, os católicos contavam com uma vasta rede de ação cultural desde a década de 1930, utilizando-a, com grande determinação, como instrumento de pressão política sobre os meios de comunicação, principalmente sobre o setor cinematográfico, e ocupando todos os espaços institucionais (valendo-se da presença eclesiástica nas comissões censórias, de sua possibilidade de intervenção na programação das salas paroquiais e do circuito comercial, e dos acordos com os distribuidores), conseguindo casar perfeitamente ideologia e cultura. Além de prestigiar as produções norte-americanas, por meio da ação de sua censura, boicotavam as melhores realizações neo-realistas, tachando-as de amorais e alinhadas com o ideário comunista. Suas ligações com as distribuidoras permitiam-lhes programar para o seu circuito (90% dos locais de exibição) só aqueles filmes que o Centro Católico Cinematográfico julgava próprios *para todos* (...). Os católicos controlavam principalmente os cinemas dos bairros periféricos e das pequenas cidades, influenciando sobre um público pertencente às camadas mais populares pela "projeção de filmes de elevado conteúdo humano e cristão" (FABRIS, 2003, p.189).

A forte presença da Igreja na articulação com a sociedade civil abrangia as mais diversas instituições: de associações de bairro a clubes esportivos, de grandes e pequenas empresas a entidades voltadas para ações sociais como o SESC e nesta aproximação, era comum que muitas atividades voltadas para as comunidades partilhassem modelos, experiências e parceiras. Não por acaso, quando, entre os anos 1940/60, o SESC planejou a construção de uma rede de centros de atividades em todo o país, com uma considerável infraestrutura destinada às atividades educacionais, culturais, recreativas e médico-assistenciais, grande parte das



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Administrações Regionais §§§§§§§§§§ deram início a atividades culturais especificamente com o cinema educativo.

Essa ação correspondia a um aceno direto às práticas apreendidas nas realizações do Estado e da Igreja (duas instituições com as quais, à época, mantinha estreita ligação) para a difusão do cinema em instâncias de grande alcance público (BRANDÃO, 1997, p.16). Embora, naquele momento, as ações de cinema no SESC fossem pontuais, elas integravam os primeiros ensaios para uma prática mais sistemática.

Segundo Elias (2002), o caráter processual e interdependente das relações entre os indivíduos e os padrões de permanência e mudança social expressam, a partir dessas dinâmicas, as condições de transmissão de aprendizados nos modos de organização da vida cotidiana. Elas se estendem por essa longa cadeia de atos ininterruptos, como um grande processo coletivo de aprendizagem.

A observação de Hume de que o conceito de uma relação causal não pode ser explicado com base nas experiências pessoais de um único indivíduo era inteiramente correta. Ele representa um nível de síntese conceptual que ultrapassa as experiências pessoais de um indivíduo humano. Pressupõe uma capacidade de ligação entre acontecimentos a um nível que nenhuma pessoa individual pode alcançar sem o auxílio das experiências de outras pessoas. Pressupõe uma constituição biológica de uma espécie que permite aos seus membros individuais aprender, armazenar e agir sobre experiências realizadas e transmitidas a uma pessoa através de uma longa linha de gerações antecedentes (ELIAS, 2002, p. 16).

Por isso, estas introvisões o passado, combinadas com as experiências do presente, podem ser notadas traçando uma linha de continuidades dinâmicas. Por exemplo, é possível observar duas vinculações entre as práticas de cinema do SESC

§§§§§§§§§§ O SESC funciona de modo federativo. Para além de uma direção executiva única, o Departamento Nacional, localizado no Rio de Janeiro, existem em cada estado um Departamento Regional, com relativa autonomia de trabalho, embora hierarquicamente vinculado à Administração central.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

e aquilo que a instituição herdou dos cineclubes e da Igreja. Em primeiro lugar, na maneira sistemática como atualmente a entidade dispõe suas ações tanto na execução quanto em seus documentos orientadores^{*****}, distinguindo *público específico*, remetendo-se ao perfil cineclubista, menos número e gosto mais segmentado, e *público geral*, mais amplo, menos interessado na linguagem que no entretenimento, mais voltado para o atendimento às comunidades. Em seguida, no modo como ressignificou um modelo de trabalho voltado diretamente para o ensino formal, com o projeto geral organizado pelo Departamento Nacional do SESC, intitulado *A Escola Vai ao Cinema* (2001-2007). À época, este era o principal projeto da instituição, criado nos moldes atualizados de um cinema educativo (num sentido mais amplo), cuja associação com as práticas da Igreja se amalgamavam ainda com o histórico do Cineduc⁺⁺⁺⁺⁺, uma instituição do terceiro setor de referência nacional, nascida dentro das ações de formação cinematográfica católica, responsável pela execução do projeto no Brasil em convênio com o SESC.

A IGREJA E FORMAÇÃO HUMANÍSTICA NA GERAÇÃO DOS ANOS 1960/70

Foi por meio de muitas dessas ações socioculturais, ligadas a organizações civis ou instituições de ensino (religiosas ou não), que muitos indivíduos relacionados ao setor cultural no Brasil – intelectuais, artistas, educadores,

***** Os principais documentos da instituição para as ações de cinema são intitulados Modelos de Atividade Cinema e estão divididos em módulos de Programação e Instalação de Salas de Exibição. Neles, entre outras informações de efeito operacional, são detalhadas normas de ação, conceitos de trabalho e categorizações de filmes e públicos.

+++++ O Cineduc - Cinema e Educação é uma instituição do terceiro setor que iniciou suas atividades em 1970, com a preocupação de dar às crianças e jovens a possibilidade de conhecer os elementos da linguagem cinematográfica, usados pelos cineastas para realizar suas obras. Ao longo dos anos vem desenvolvendo uma metodologia de ensino e sensibilização largamente testada, baseada em estudos teóricos e pensamento filosófico, criando técnicas de dinamização e materiais didáticos.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

profissionais liberais, entre outros – tiveram suas primeiras experiências “qualificadas” com o cinema. As vivências possibilitadas nesse âmbito de sociabilidades marcaram fortemente gerações inteiras.

É por esta mesma época que, procurando melhor refletir e atuar no âmbito das demandas culturais deste mesmo período, entre os anos 1960/70, o SESC sistematiza ainda mais suas atividades de capacitação de quadros técnicos para atender às demandas socioculturais. Os técnicos responsáveis, sobretudo, pelas atividades externas, como aquelas desenvolvidas pelas *Unidades Móveis de Orientação Social (Unimos)*#####, eram denominados de *orientadores sociais*. A função do orientador social é estratégica para pensar o perfil de profissionais que atuavam na instituição naquele momento. Eles eram profissionais do lazer, responsáveis por um trabalho de mediação em comunidades periféricas e/ou pequenas cidades e o sucesso dessa mediação era resultado das ideias e saberes que transmitiam e dos diálogos que estabeleciam com os diversos públicos, não mais de forma apenas assistencial, mas, de algum modo, similar ao trabalho sociocultural desempenhado pela Igreja Católica. Nos anos 1980, com o maior enfoque no Programa de Cultura do SESC, esses agentes viriam a ser chamados de *agitadores culturais*:

Em relação à passagem do enfoque de orientador social para o de animador cultural, pode-se dizer que o perfil do agente cultural associa-se aos contextos de cada realidade institucional, à particularidade das áreas em que atua - direcionadas para a administração e gestão dos projetos culturais ou para o trabalho com o público, em ações de mediação cultural - bem como das habilidades que cada uma dessas áreas requer, das atividades realizadas e dos instrumentos que fazem parte de sua prática (DINES, 2007, p. 263).

#####As Unimos eram um programa de educação não-formal e continuada realizado no interior do estado de São Paulo, onde não existiam unidades fixas do SESC . Consistia de ações comunitárias e socioculturais amplas, estruturadas em veículos equipados com toda sorte de materiais de lazer, incluindo tela de projeção e filmes de 16mm.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Para Renato Requiça, ex-diretor regional do SESC São Paulo, esse era um quadro funcional com muita exigência intelectual, de imprescindível formação universitária e para o qual a instituição contratava os melhores professores para ministrar cursos exclusivamente para a capacitação dos orientadores sociais (REQUIÇA, 2004 *apud* DINES, 2007, p.267).

Nos processos de formação sociocultural dos referidos cursos, esses profissionais acabariam incorporando discussões importantes sobre a prática cultural, debatendo autores como Mike Featherstone, o teórico da *cultura do consumo* §§§§§§§§§§. A expressão *intermediários culturais*, cunhada por Pierre Bourdieu, e aqui explicada pelo autor inglês, define perfeitamente o enquadramento funcional desses agentes técnicos:

Especialistas e intermediários culturais capazes de vasculhar diversas tradições e culturas para produzir bens simbólicos e, além disso, fornecer as interpretações necessárias sobre seu uso. Seu *habitus*, disposições e preferências de estilo de vida são tais que eles acabam por se identificar com os artistas e intelectuais; todavia, nas condições de desmonopolização dos redutos de mercadorias artísticas e intelectuais, eles têm os interesses aparentemente contraditórios de sustentar o prestígio e o capital cultural desses redutos e, ao mesmo tempo, popularizá-los e torná-los acessíveis a públicos maiores (FEATHERSTONE, 1995, p. 39).

As referências a teóricos conhecidos nas áreas do lazer, da educação e da cultura não se davam somente pelas bibliografias. A partir da década de 1960,

§§§§§§§§§§ Featherstone (1995) observa um aumento, no final dos anos 1980, do interesse de se teorizar a cultura, o que seria resultado da “onda” do pós-modernismo. Busca, com isso, refletir a respeito dos motivos que levaram as ciências humanas de modo geral a se interessarem por tal assunto. Seu objetivo é entender como o pós-modernismo surgiu e como se transformou em uma imagem cultural tão influente e poderosa.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

muitos desses intelectuais passariam a vir ao Brasil para palestras, seminários e painéis promovidos pelo SESC (muito especialmente pelo Departamento Regional de São Paulo), e alguns deles, como Joffre Dumazedier, reconhecido teórico do lazer, se tornariam, ainda nessa época, consultores da entidade.

Por sua importância como agentes em constante capacitação e pontas-de-lança no trabalho junto às comunidades, esses técnicos formaram um grupo profissional extremamente atento às questões socioculturais. Essa informação é reforçada no depoimento de Danilo Miranda^{*****}, diretor regional do SESC São Paulo, que também começou na instituição como orientador social em 1968, quando afirma que

(...) a necessidade do SESC naquele momento era de pessoas com um perfil capaz de perceber contextos de cada realidade institucional, ter um olhar humanista, uma formação humanista, porque até então não havia uma formação específica que habilitasse um profissional a atuar nesse ou naquele cargo na instituição.

De fato, ao levantar o perfil dos diversos profissionais que atuaram como orientadores sociais, foi possível validar a ideia de que muito do caráter social das ações de cinema do SESC é tributária da bagagem de uma formação humanística, no sentido laico e religioso, de muitos indivíduos no quadro funcional da instituição. Isso se deve em grande parte pela forte presença no Brasil de uma educação católica entre os jovens de classes médias⁺⁺⁺⁺⁺, perfil de muitos

Depoimento prestado ao autor em 25/08/2014.

+++++

Estas instituições de ensino fundamental, médio e superior seguiam (e muitas ainda seguem) linhas mais tradicionais que incluem matérias como filosofia, latim e grego.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

indústria cultural no Brasil***** e um mercado de bens culturais. Como assevera Renato Ortiz, a complexificação da divisão do trabalho, a racionalização empresarial envolvendo uma crescente profissionalização e um novo tipo de relacionamento entre a empresa e o empregado mudam a tônica dos novos modelos econômicos. A cultura, segundo o autor, passa a ser um bem comercializável embora, nunca inteiramente uma mercadoria, pois encerra um "valor de uso" que é intrínseco à sua manifestação (ORTIZ, 2006, p. 146).

Na linha das ações institucionais, a influência de algumas dessas pessoas dentro do quadro técnico do SESC, dotadas dessa formação humanística e preocupadas em dar à cultura um valor institucional mais efetivo, figura entre um dos principais motivos para a guinada geral da entidade para um perfil mais focado no Programa de Cultura, a partir dos anos 1980, e a consequente redimensionamento das suas ações de cinema, antes bastante pontuais.

Dentre os depoentes pesquisados para a análise desse processo foram centrais as contribuições de Álvaro de Melo Salmito, ex-diretor da Coordenação de Estudos e Pesquisas do Departamento Nacional do SESC, e o já referido Danilo Santos de Miranda, ambos pertencentes a essa geração atuante nos anos 1960.

O primeiro se inscreve entre aqueles que concorrem no eixo do Departamento Nacional para tornar a cultura um traço visível e permanente na instituição. Sua participação é uma das mais importantes na estruturação do projeto do Programa Cultura. Seus colegas do SESC DN foram consensuais em afirmar que muito do que existe da política atual na entidade é tributária do papel que desempenhou na promoção do trabalho institucional com a cultura e com o cinema nos anos de 1970/80. Salmito, que teve uma formação religiosa††††††††††

***** Segundo Renato Ortiz (2006), a indústria cultural, incipiente nos anos 1940/50, se consolida nas décadas de 1960/70. Sua materialização é o resultado da articulação dos interesses do Estado com o avanço de uma nova racionalidade empresarial nos setores de produção cultural, notadamente na televisão.

†††††††††† Na Congregação Joseleito de Cristo, fundada por um padre salesiano.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

que incluía a filosofia, as artes e o estudo de línguas, como o latim e o grego, ingressou no SESC em 1973, pelo Departamento Regional do Piauí, e em 1976, no Departamento Nacional, no Rio de Janeiro. Foi atuando posteriormente pelo DN em outras delegacias da entidade#####, como a do Acre, que desenvolveu ações de formação culturais, com ênfases no cinema, contribuindo para tornar possível a visibilidade da atividade em outras partes do país, para além da realidade do Sudeste. Segundo seu relato#####:

O programa de cinema não começou institucionalizado: ele era um programa que ficou dormitando de 1946 a 1981/82; aos 36, 37 anos é que ele começa a despertar enquanto tal, para usar uma linguagem *derridiana*. Com o movimento da redemocratização do país, o SESC, que embora fosse comandado por um coronel da reserva, coronel Maurício Mauro, tinha uma diretoria com alguns diretores de esquerda, inclusive oriundos da luta armada. Pessoas sérias, democratas, e que viam no Programa Cultura a manifestação política, não política partidária, mas no movimento do conceito e do acordar da sociedade brasileira pós-ditadura... Logo depois tem a campanha das *Diretas* e logo depois, a Constituição de 1988.

No mesmo período, compondo esse grupo de gestores atuantes na cultura, Danilo Santos de Miranda, diretor da maior representação regional da entidade no Brasil##### , assim como Álvaro Salmito, teve por base educacional a mesma influência religiosa#####, tendo quase se tornando padre.

As delegacias regionais não eram formalmente Departamentos, e se localizavam nos antigos territórios da Federação brasileira, como Rondônia e o Acre.

Depoimento prestado por Álvaro Salmito ao autor em 18/09/2012.

O Departamento Regional do SESC São Paulo corresponde a aproximadamente a 40% do orçamento nacional da instituição.

Iniciou seus estudos no Seminário Menor dos Arautos do Evangelho, em Nova Friburgo, interior de São Paulo, na Escola Apostólica dos padres jesuítas, até se formar em filosofia aos 22 anos.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Muito próximo das Juventudes Católicas, Santos de Miranda cedeu aos ventos revolucionários dos anos 1960 – ele estava no meio de um voto de silêncio de 30 dias quando soube do golpe – e deixou os estudos clericais para conhecer o mundo lá fora. “Não sabia preencher um recibo. Nunca tinha lidado com dinheiro. Vivia num ambiente onde se ouvia Debussy, se lia Kierkegaard e, quando se precisava de qualquer coisa, bastava ir até a coisa e pegar.” O desafio de aprender a lidar com o dinheiro levou o ex-noviço a prestar o concurso no Sesc, onde desenhou uma carreira luminosa (Revista IstoÉ, 20.Dez.13).

Começou a trabalhar na instituição em 1968, como orientador social e em 1984 alcançou o cargo de Diretor Regional SESC São Paulo, onde ainda permanece. Além de Filosofia, é formado Ciências Sociais e Administração. No cargo, encontrou um campo propício para a convergência entre seus anseios de educação e processos democráticos de ação comunitária e acesso à cultura, decorrentes de sua formação pessoal e estudantil e a atuação prática do SESC no campo social. Sua linha de ação como gestor ajudou amoldar a imagem do SESC como uma das maiores organizações de promoção de cultural no Brasil.

Percursos individuais como estes, sem desconsiderar o trabalho de outros tantos, foram emblemáticos no sentido de se tornarem, com suas experiências, potencializadores de formas de organização, de conduta e percepção no fluxo das atividades do SESC, nas pautas junto às representações decisórias, ajudando a moldar diretrizes de ações. Com percursos distintos, mas convergentes, suas atuações foram extremamente significativas para o processo de discussão e ação que levaria a entidade à sua guinada conceitual para a cultura nos anos 1970/80. Trouxeram consigo, entre as memórias de suas práticas, expressões de continuidade daquilo que aprenderam, e, de modo inter-geracional, tornaram possível a transmissão de saberes e fazeres vivenciados em suas experiências, na resignificação das ações do SESC nos dias atuais, permitindo que a política de formação cinematográfica do SESC, mantenha ainda hoje traços similares àqueles



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

que a Igreja Católica estabeleceu nas comunidades onde atuou e com as instituições que se articulou.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Ignácio Loyola. **SESC: 50 anos**. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1997.
- DINES, Yara Schreiber. **Cidadelas da Cultura no Lazer - uma reflexão em antropologia da imagem sobre o SESC São Paulo**. Tese de doutorado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, 2007.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Vol. 1, Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- _____. **Teoria Simbólica**. Oeiras: Ceuta Editora, 2002.
- FABRIS, Mariarosaria. **Neo-realismo italiano**. In: MASCARELLO, Fernando. História do Cinema Mundial. Campinas: Papyrus, 2006. p. 191-219.
- FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. Tradução de Júlio Assis Simões. São Paulo: Studio Nobel, 1995.
- GUSMÃO, Milene de Cássia Silveira. **Dinâmicas do cinema no Brasil e na Bahia: trajetórias e práticas do século XX ao XXI**. 2008. 278 f. Tese de doutorado. Salvador: UFBA, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2008.
- MIRANDA, Danilo dos Santos. **Entrevista**. Programa Todo Seu, TV Gazeta 25. Ago. 2012 Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=hPDedYwkdgs>> Acessado em: 20 Abr. 2014.
- _____. **Entrevista**. Revista IstoÉ, 20.Dez.13
- ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. Cultura brasileira e indústria cultural. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- SANTOS, Raquel Costa. **Lição de coisas: Igreja Católica e formação cultural para o cinema no Brasil e na Bahia**. 2009. 157 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO**. Departamento Nacional. Disponível em: <www.sesc.com.br> Acessado em: 07 mar. 2014.